

Parte 01 Mês 01 - O SUICÍDIO DO OCIDENTE 01/06/21

Estilo Fichamento: tópico frasal, citações importantes.

Quem é o autor?

James Burnham (1905-1987) foi um professor, teórico político e filósofo norte-americano. Ativista radical e importante líder do movimento trotskista dos Estados Unidos na década de 1930, mas mudou de lado na maturidade.

Infelizmente, esquecido por muitos. Em 2014, quando a Introdução da nova edição da obra de Burnham estava sendo escrita por Roger Kimball, o comentarista mencionou que, se você tentasse comprar um livro dele, veria que todos estavam esgotados ou indisponíveis.

O Prefácio e Introdução nos apresentam um pouco do autor a partir da ótica de um dos seus críticos mais famosos, seu contemporâneo **George Orwell (1903-1950)**, nome verdadeiro: Eric Arthur Blair) que foi escritor, jornalista e ensaísta político inglês, nascido na Índia Britânica. É o autor que estudaremos no próximo mês para aprender sobre distopia e fábulas políticas.

Inclusive, na página 23, Roger Kimball nos diz que Orwell foi fortemente influenciado por Burnham e por seu livro que inspirou o clássico 1984.

(p.23) “Orwell enfatizou repetidas vezes a coragem intelectual de Burnham e sua disposição para lidar com questões reais [...] Em 1984, ele adotou totalmente a ideia de Burnham de que o mundo estava se reorganizando em três Estados totalitários rivais. Um dos livros de Burnham aparece no livro 1984 sob o título de Teoria e Prática do Coletivismo Oligárquico.”

Burnham é considerado um pessimista ou, na melhor das hipóteses, um realista. Quase apático. Usa de raciocínio lógico e frio. É sarcástico, sagaz, brutal “e, às vezes, com um tipo de contentamento desesperador em relação às repetidas sandices de seus inveterados adversários do campo esquerdista”. (p.10)

P. 9 Mensagem motivacional:

“Na maior parte de suas obras, Burnham parece dizer, como os profetas: este mundo é um vale de lágrimas. Não espere que

haja justiça nele. Os ímpios, em sua arrogância, crescem como cedro frondoso. Os bons estão fadados a ser permanentemente traídos e decepcionados. O melhor que podemos esperar é que um equilíbrio entre diferentes senhores, entre males maiores e menores, permita que os humildes desfrutem de uma prosperidade moderada e temporária. Dê o melhor de si para encontrar o seu caminho até essa clareira na selva.”

Esse trecho mostra um pouco de como ele é, de como seus críticos o descreviam.

Vamos falar um pouco de sua biografia controversa, literalmente, paradoxal. Roger Kimball, que é outro grande pensador muito referenciado pelo conservadorismo e também crítico de arte, resumiu a vida de Burnham em períodos:

1920 – esteta (especialista em estética).

1930 – trotskista.

Lembrando da Segunda Guerra Mundial. Entre 1939-41, os comunistas trabalharam para manter a América neutra na guerra. Burnham, enquanto foi esquerdista, também defendeu que os EUA não se metessem no conflito. Nesse ínterim, desentendeu-se com Trotsky.

P.21 A principal ruptura na vida política de Burnham aconteceu em 1939 (p.21)

“quando os soviéticos, fortalecidos pelo pacto de Hitler com Stalin, atacaram a Polônia. Trotsky justificara a ação como um passo na direção da abolição da propriedade privada (e como!), mas Burnham o percebeu pelo que era: a tomada brutal de terras por um poder totalitário. Ele escreveu sobre o assunto e em pouco tempo viu-se expulso do Partido Socialista dos Trabalhadores [...] A resposta de Burnham foi juntar toda a sua correspondência com Trotsky e atirá-la no incinerador.”

Então, quando os japoneses atacaram a frota do Pacífico, percebeu que estava errado. Da noite para o dia, tornou-se ferrenho apoiador do conflito aberto

contra os poderes do Eixo. Acreditava que a guerra precisava acontecer e os EUA precisavam se envolver.

1940 – teórico do coletivismo oligárquico.

Em 1941, seu livro “A Revolução Administrativa: o que está acontecendo no mundo” tornou-se um best-seller após ter sido recusado por inúmeras editoras. A tese é de que surgiu uma oligarquia de especialistas e um alinhamento de poderes mundiais em três super-estados para controlar ou, no mínimo, influenciar o mundo.

Em 1943, publicou outro livro onde pretendia distinguir o lado sentimental e o lado realista da política.

Enquanto a década de 1940 se desenrolava, Burnham ia cada vez mais se tornando um anticomunista.

(p. 25) Ele percebeu que “cada vez mais a preservação da liberdade era basicamente uma operação de salvamento. Enquanto a guerra seguia acelerada para o seu desfecho, ele olhava aterrorizado para o Ocidente que, de modo tímido, fazia uma concessão atrás da outra à tirania stalinista.”

1945 – Torna-se, declaradamente, um estrategista anticomunista.

1945 – fundador do novo conservadorismo americano.

1947 – publica **A Luta pelo Mundo** onde alcança a maturidade política de seu pensamento e teoria: existe uma oposição entre a herança preciosa do Ocidente e comunismo que não passa de uma tirania assassina.

(p.25) “Burnham compreendeu dois fatos essenciais com uma clareza cristalina. Primeiro, que o comunismo era uma ideologia expansionista predisposta à dominação mundial. E, segundo, que seu triunfo acarretaria a destruição de toda e qualquer liberdade, tanto intelectual quanto política, tidas por nós do Ocidente como sagradas.”

Portanto, Burnahn nos diz que não devemos dar trégua nem ceder com alguma contenção na luta contra o comunismo. Desde a época dele, lá em 1950, era necessária uma campanha coordenada para minar e reduzir a força dessa ideologia.

P.26 Como começar? Reconhecendo que os comunistas usam e abusam das liberdades democráticas com a finalidade de destruí-las. A meta deles é subverter a democracia. Por fim, ele diz que, seguindo essa lógica, o comunismo precisa ser declarado ilegal.

Isso significa impor limites à liberdade de expressão? Sim.

Mas foi exatamente o que foi feito com o nazismo. O autor não poderia usar esse exemplo, pois na época dele ainda não era ilegal ser nazista. Mas a proposta é a mesma. Veja a conclusão a que ele chegou na página 26:

“A democracia, na prática, nunca interpretou, e jamais poderia interpretar o direito à livre expressão num sentido absoluto e irrestrito. Ninguém, por exemplo, tem permissão para defender e organizar grupos que defendam assassinato em massa, estupro e incêndio criminoso. Ninguém sente tais proibições como antidemocráticas. Mas por que não?”

Burnham explicava que o comunismo usava a liberdade de expressão para, depois, acabar com ela. Veja mais um trecho sobre isso:

(p.27) “Os princípios de uma sociedade organizada não podem ser interpretados de forma a inviabilizar a sociedade organizada. [...] Qualquer direito ou liberdade individual é adequadamente outorgado apenas àqueles que aceitam as regras fundamentais da democracia. Como poderia qualquer sociedade sobreviver deliberadamente acalentando o seu próprio assassino, confesso e irreconciliável, e expondo abertamente o coração à sua faca?”

A publicação desse livro em 1945 (A Luta pelo Mundo) coincidiu com a Doutrina Truman e acabou levando Burnham a trabalhar na CIA, mas precisamente como consultor na Divisão de Guerra Política e Psicológica do Escritório de Coordenação Política.

Sua maior contribuição na CIA foi ter ajudado a criar o Congresso para Liberdade Cultural (secretamente financiada pela CIA) com o propósito de conquistar a elite intelectual para o lado do anticomunismo. Nesse período, concluiu que (p.12) o esquerdismo era a doutrina responsável por fazer o Ocidente

se resignar a suas derrotas desnecessárias e também responsável pela possível dissolução da cultura americana e ocidental.

Na década de 1950, aconteceu o que historicamente chamamos de macarthismo. Como Burnham era um pensador bastante independente, sua sinceridade e autenticidade acabavam fazendo com que ele fosse isolado inúmeras vezes. Ele comentou que não bastava ser anticomunista se continuasse sendo disfarçadamente progressista.

O crítico literário Philip Rahv chegou a comentar esse episódio na vida de Burnham. Ele disse (e podemos ler na página 28) que: “Hoje, os esquerdistas dominam todos os canais culturais deste país. Se você rompe completamente com essa atmosfera dominante, torna-se presa fácil. James Burnham se suicidou.”

1955 – O autor conseguiu se recuperar e recuperar sua relevância em seguida quando ajudou a inaugurar a Revista Nacional, uma revista conservadora com publicações quinzenais. Por mais duas décadas, Burnham trabalhou para divulgar as ideias conservadoras através dessa revista usando seus talentos de escritor e editor. Foi a influência mais importante para as ideias nela publicadas.

1960 – praticamente, um profeta político, adivinhando no início da década o que aconteceria nos anos finais de 1960.

Ele identificou que, embora os EUA dominassem a política e a economia, eram moralmente fracos, hesitantes e inseguros em relação à própria identidade e missão.

Sobre este livro, a página 15 resume: foi publicado pela primeira vez em 1964 e é uma **anatomia do sentimentalismo narcisista chamado por muitos de liberalismo**. Fala também sobre a deformação moral ou existencial e também política a que o Ocidente está submetido.

Há alguns cuidados que precisam ser tomados com relação a esse livro.

(p.29) “[...] é uma obra vinculada a uma época. É um produto da Guerra Fria, e muitos dos seus exemplos são ultrapassados.”

Ainda assim, as qualidades superam qualquer contratempo:

(p.29) “[...] sua mensagem essencial é relevante como nunca: uma análise definitiva da patologia do esquerdismo.”

Ele não teve medo de se opor à tentação totalitária nem de expô-la. Não teve medo de se opor à ideologia mais corrosiva, mais viciante, mas assassina da época: o comunismo.

Alertou que estava em curso uma “revolução administrativa” que acabaria com as liberdades em nome da eficiência e do controle burocrático. Combatia, portanto, tanto o comunismo quanto o que podemos chamar de “despotismo democrático”, que é trocar a liberdade por igualdade (já falamos muito sobre isso em outras aulas do Clube 1.0).

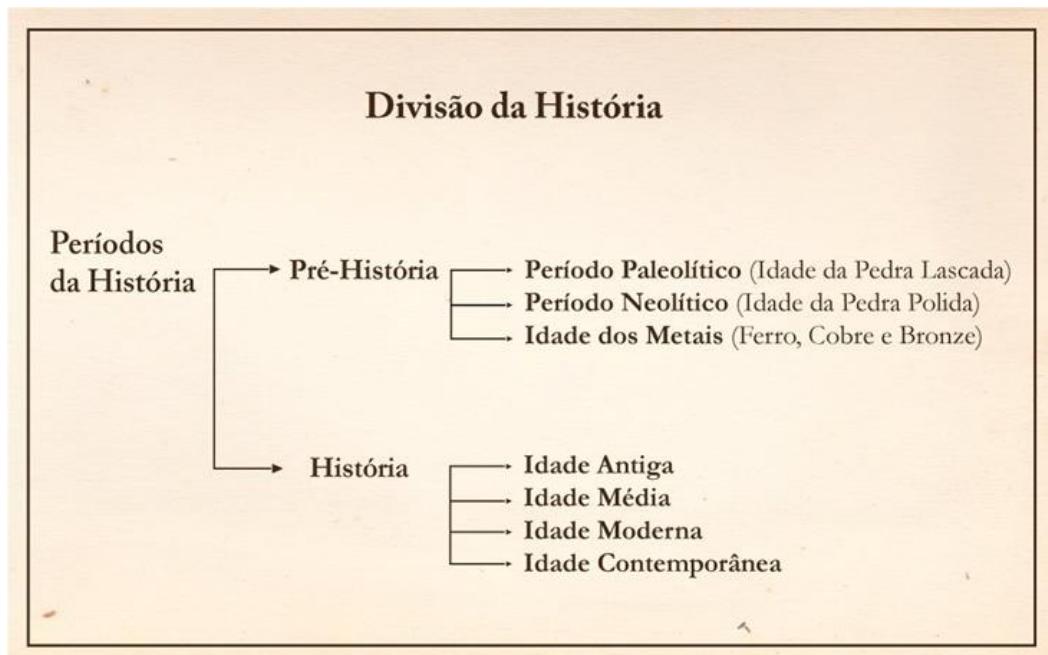
Dito isso, podemos encerrar essa aula em que conhecemos um pouco do autor e, na próxima aula, poderemos adentrar no conteúdo de seu livro escolhido para este mês.

Parte 2 CAPÍTULO 1 - A CONTRAÇÃO DO OCIDENTE

Na aula passada, conhecemos o autor. Agora faremos uma revisão de História Geral.

P.33 Mapas e Atlas (expansão e contração) (ver mapas no drive)

Vamos a uma rápida revisão de História Geral: Bíblia, Livro de Daniel, cap.2



Linha do Tempo História Geral



Parte 3 CAPÍTULO 1 - A CONTRAÇÃO DO OCIDENTE

P. 35 O Ocidente detinha vasto poder até 1914.

P. 36 “A tendência, a curva, é inconfundível. Nas duas últimas gerações, a civilização ocidental viveu um período de rápido declínio, recessão ou refluxo na estrutura de poder mundial”.

P.36-37(39) Como a Rússia comunista participou desse encolhimento.

P.40 Cita dois grandes historiadores do Ocidente – **Spengler e Toynbee** – que escreveram sobre fluxo e refluxo de civilizações. (Colocamos na pasta do Drive dois artigos sobre esses grandes autores). Eles concluem que o processo de encolhimento, uma vez iniciado, nunca é revertido.

Arnold Toynbee (Londres, Inglaterra, 1889-1975) cuja obra-prima é **Um Estudo de História**, em que examina, em doze volumes, o processo de nascimento, crescimento e queda das civilizações sob uma perspectiva global. Outros livros dele: A história e a moral no Oriente Médio, O mundo e o Ocidente, Helenismo, De Leste a Oeste, Guerra e Civilização, A religião e a história, América e Revolução Mundial. Ele estudou 28 civilizações e concluiu que todas chegam a um momento de suicídio.

Oswald Arnold Gottfried Spengler (Clankenburg, Alemanha, 1880-1936) foi um historiador e filósofo alemão, cuja obra **O Declínio do Ocidente** foi uma referência nos debates historiográficos, filosóficos e políticos entre os intelectuais conservadores europeus, ao longo do séc. XX.

Ele compôs a Escola da Revolução Conservadora. Elaborou o que podemos chamar de “drama da história cíclica”. Poucos de nós sabemos disso, pois a teoria que aprendemos na escola é majoritariamente a de Karl Marx: modelo materialista histórico-dialético de interpretação da história: existe uma luta de classes que move e dá o rumo da história. Além disso, também existe uma outra interpretação bastante comum e progressista: o mundo caminha invariavelmente para o progresso técnico-científico e com isso o progresso de modo geral.

A teoria de Spengler pode ser resumida nesse meme que você provavelmente já conhece.



Analizando esse meme a luz do livro do Burnham, em que estágio estaríamos? Isso fica claro nas **páginas 29 e 30**: estamos no estágio em que homens fracos viraram a regra. O esquerdismo aniquilou a coragem e a honra.

(p.29) “o esquerdismo moderno não oferece ao homem comum motivos convincentes para o sofrimento e o sacrifício pessoal e a morte. Não existe uma dimensão trágica no seu quadro da vida boa. Os homens se [tornavam] dispostos a suportar, sacrificar e morrer por Deus, pela família, pelo rei, pela honra, pelo país em razão de um sentido absoluto de dever ou uma visão elevada do significado da história. [...] E são precisamente essas idéias e essas instituições que o esquerdismo criticou, atacou e, em parte, derrubou por serem supersticiosas, arcaicas, reacionárias e irracionais. Em seu lugar, o esquerdismo propõe um conjunto de abstrações fracas e inexpressivas, sendo fracas e inexpressivas por não possuírem raízes no passado, num sentimento profundo e no sofrimento. Exceto pelos mercenários, pelos santos e neuróticos, ninguém está disposto a se sacrificar pela educação progressista, pela assistências médica, pela humanidade no sentido abstrato, pelas Nações Unidas e por um aumento de 10% na contribuição à previdência social.”

(Sugestão de leitura: Viktor Frankl)

Spengler escreveu que a história da civilização é também orgânica: “ainda não penetrou nas nossas formulações teóricas a convicção de que, além da necessidade de causa e efeito – e que eu gosto de chamar de lógica do espaço – há na vida ainda a necessidade **orgânica** do destino – a lógica do tempo. Esta última constitui um fato de profunda certeza íntima; um fato que dá conteúdo a todo conteúdo mitológico, religioso, artístico; um fato que forma o núcleo e a essência de toda a História”.

Ele crê que existe um otimismo exagerado que ignora a morte das civilizações assim como morrem as lagartas, os carvalhos e os abelhas. Levando-os como exemplos, todos têm início, maturidade e morte. Impossível estudar a história universal, é preciso estudar a história como universa (cada civilização deve ser vista a partir de si mesma – mas, atenção! Ele não é relativista moral).

A história de uma civilização tem duas fases (para chegar ao seu destino). Usemos a **cultura apolínea** para exemplificar esses conceitos.

Cultura: Juventude. Província. Rural, mitológico. Os gregos representam bem aqueles que estão preocupados com a cultura e com o espírito. Estática.

Civilização: Amadurecimento. Metrópole. Urbana, pragmática, materialista e ateia. Os romanos representam bem um povo que chegou ao estágio de civilização, visando expansão política e militar. Dinâmica.

Nossa cultura faustiana aconteceu durante a Idade Média e a nossa civilização pura começou no século XVIII. O homem culto projeta suas energias para dentro e o homem civilizado projeta sua cultura para fora. Napoleão Bonaporte é nosso Alexandre, o Grande. Grande divisor.

Então, para Spengler, o marxismo e a degeneração não são as causas do declínio, mas são os sintomas de um fim inevitável. Parece, no entanto, que James Burnham não concorda com ele. O autor tem, apesar de ser muito realista e pessimista, uma pequena centelha de esperança. Ele diz: “**depende do que fizermos ou deixarmos de fazer a respeito**”. (p.40)

Vamos ler juntos a citação da p.40 que menciona Spengler.

Para a outra pesquisadora, Anne Glyn-Jones, “**nossa civilização já chegou ao limite e está corrompida moralmente, esteticamente e espiritualmente**”.

Vamos assistir a um vídeo do Paul Joseph Watson sobre isso. Ele esclarece que grandes civilizações entram em colapso quando sua população e identidade diminuem. E o autor do livro que estamos estudando acrescenta, na **página 41**:

“Talvez eu tenha enfeitado demais a modesta premissa. A premissa é: nas últimas duas décadas, a civilização ocidental diminuiu. A quantidade de território e o número de pessoas em relação à população mundial sob domínio do Ocidente decaíram muito, e muito rapidamente. Nisso se resume a premissa.”

Vamos ao vídeo do Paul Watson: <https://youtu.be/c1PNbrLha6M>

Como você vê, todas as análises feitas sobre isso emitem também um julgamento de que esse encolhimento é mau, que representa imoralidade e decadência. No fim do capítulo 01, no entanto, o autor James Burnham tenta nos dizer que ele não está, necessariamente, fazendo uma crítica. Diz que está

tentando ser neutro, ele escreveu: “**Digamos apenas que a civilização ocidental tem se contraído**”.

Ele faz essa tentativa para convencer as pessoas de algo que já deveria ser óbvio. Que para todos os não-ocidentais é bastante óbvio. Na verdade, é inegável. Apenas aqui dentro mesmo, apenas no Ocidente, ainda existem pessoas tergiversando sobre isso. Dizem:

-- Ah, mas não é bom que tenhamos evitado imperialismo e expansionismos?

-- O Ocidente está muito melhor agora que trata os povos vizinhos com amor.

-- Certamente, é muito bom encolher, pois isso significa que somos humildes, humanos, respeitando os povos não-ocidentais com base em ideais de liberdade, igualdade e amizade.

-- A opressão e a exploração colonial de antigamente é que eram nossos reais problemas. Nós não perdemos nada, nós saímos ganhando quando deixamos a Ásia e a África para trás. E quanto ao comunismo, é apenas temporário. Logo estará tudo bem.

-- Isso tudo é muito bom, estamos nos modernizando. Estamos abandonando antigas ideias de superioridade ocidental e de domínio sobre os outros. Aumentamos nosso poder de influência pelo mundo com igualdade, respeito mútuo, Estado de Direito e busca pela paz.

Importante neste capítulo é apenas manter a premissa estrutural: a contração do Ocidente. Nos próximos capítulos é que analisaremos o que se diz a esse respeito.

PARTE 02 CAPÍTULO 01: POR QUE O OCIDENTE TEM SE CONTRAÍDO?

Burnham não pretende explicar, mas desmascarar as duas respostas mais recorrentes e falsas sobre o porquê de o Ocidente estar se contraíndo.

P. 42 Primeira resposta falsa: nossa falta de recursos econômicos (poder material/político).

Segunda resposta falsa: excesso de recursos econômicos dos outros.

Disso podemos concluir que existem causas internas e não quantitativas.

P.44 Talvez, tenhamos vontade de sobreviver, mas não de conquistar.

Ler citação p. 44. Observe como encerra bem o capítulo como um resumo de único parágrafo. Na página seguinte, há um excelente resumo em formato de 4 tópicos. Lembre-se do método de estudo do Mortimer Adler: resumir em parágrafos ou em tópicos.

Tem gente que vê com bons olhos o fim de tudo que temos e o colapso da nossa tradição. Quem são eles? Exatamente o que você pensou. Aqueles a quem os americanos chamam de esquerdistas, são eles que defendem a ideologia do suicídio ocidental. O esquerdismo motiva, justifica e explica a contração do Ocidente.

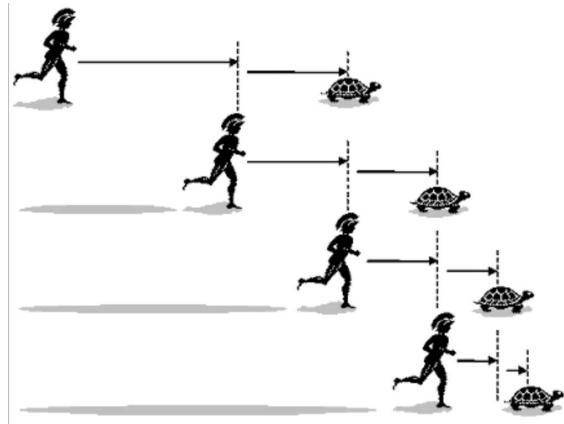
Chegamos no capítulo 02 sobre **Quem são os esquerdistas?**

P.47 PARTE 01 CAPÍTULO 02: QUEM SÃO OS ESQUERDISTAS?

Começa o capítulo falando sobre paradoxos da filosofia.

Aquiles e a tartaruga

Um dos mais célebres paradoxos da história da filosofia é aquele que conta a história do herói grego Aquiles e da tartaruga. Conta-se que Aquiles, disputando uma corrida com uma tartaruga, num ímpeto de generosidade, resolveu dar a ela uma pequena vantagem, deixando que o bicho partisse alguns centímetros à sua frente. Segundo o filósofo grego Zenão, por mais rápido que Aquiles se movesse, ele jamais conseguiria ultrapassar a tartaruga. O paradoxo formulado por Zenão é o seguinte: cada vez que Aquiles percorre determinada distância num espaço de tempo, a tartaruga já percorreu uma outra distância. Se Aquiles se movimentar mais um tanto para alcançar a tartaruga, terá que se defrontar com o fato de que a tartaruga já terá percorrido mais um tanto, por menor seja. Esse fato se repetirá indefinidamente. Por mais que Aquiles corra, sempre haverá um espaço a separá-lo da tartaruga. As conclusões de Zenão contrariam o senso comum, que aponta para uma vitória esmagadora de Aquiles, é claro. Mas o que Zenão estava fazendo era demonstrar que o movimento dos objetos é um fenômeno irreal e contraditório, consistindo sempre em mera ilusão dos sentidos.



Os cães e os esquerdistas. Platão e a reminiscência nos indicam que o aprendizado é apenas uma recordação, pois a alma já conhecia a verdade antes do nascimento. ([Sobre isso, assista ao filme Mr. Nobody](#)). Segundo Sócrates, a menos que saibamos a verdade de antemão, não temos como reconhecer-la quando a encontrarmos. Portanto, para saber a verdade é preciso partir de alguma outra verdade intuitiva e pré-concebida. Exemplo: (p.49) “**Todo mundo sabe a Sra. Roosevelt era esquerdista, mesmo que não tenha a mínima ideia do que é esquerdismo. Seja lá o que for o esquerdismo, é o que ela era. Eis um ponto de partida.**”

P. 49 em diante: uma lista de instituições e pessoas esquerdistas.

P. 51 A hegemonia da esquerda. O autor diz claramente algo que também estamos vivendo no Brasil:

“Em suma, o esquerdismo como um todo, variando de misturas um tanto duvidosas até sua quintessência, é hoje, e tem sido desde algum momento na década de 1930, a doutrina ou ideologia pública americana predominante. As premissas, idéias e crenças predominantes sobre política, economia e questões sociais são esquerdistas. Não estou dizendo que a grande maioria da população é esquerdista.”

P. 54 PARTE 02, 03 e 04 CAPÍTULO 02: QUEM SÃO OS ESQUERDISTAS?

Termos usados: liberal (liberalismo clássico), progressista (socialistas e comunistas) e esquerdista (que reúne os dois anteriores). Todos falam a mesma língua ideológica não importa onde estejam.

A hipótese principal do livro é que os esquerdistas que ele irá identificar nas próximas páginas é o autor da ideologia do suicídio do Ocidente. É importante lermos a citação da [página 55 e as duas páginas seguintes](#).

“Apresentei a premissa de que o esquerdismo é a ideologia do suicídio ocidental. Se eu quiser restringir a premissa ao âmbito americano, poderia dizer que o esquerdismo é a ideologia do suicídio americano. Por dois motivos: primeiro, o esquerdismo americano é apenas uma variação local de uma ideologia (e tendência histórica) presente, em seus fundamentos, nos

outros países ocidentais; e segundo, porque a civilização ocidental não poderia sobreviver sem os Estados Unidos.”

(Sobre os EUA, assista: O Patriota, filme de Mel Gibson)

Coisas em comum e nas quais todos os esquerdistas acreditam:

- É justo aplicar um imposto progressivo sobre a renda,
- A base do sistema educacional deve ser o sistema público de ensino,
- A ONU é muito digna e necessária,
- Todos os cidadão, independente de tudo, devem ter tratamento igualitário garantido por um governo central universal,
- Seria bom garantir uma renda mínima em todos os cantos do mundo,
- Os comunistas têm direito à livre expressão.

Se eles apenas acreditassesem nisso, tudo bem. (Nem tão bem assim!) O problema maior é que querem impor seu modo de pensar. Aqueles que pensam diferentes não são tratados como pessoas normais que pensam diferente e pronto! Não, são tratados como loucos, lunáticos, como ousam pensar assim?

Aqui na quarta parte do capítulo, finalmente, chegamos ao teste de esquerdismo. (Faça download na pasta do Drive.)

CONCLUSÃO DO LIVRO E DAS NOSSAS AULAS DO MÊS

(p.9) “Na maior parte de suas obras, Burnham parece dizer, como os profetas: este mundo é um vale de lágrimas. Não espere que haja justiça nele. Os ímpios, em sua arrogância, crescem como cedro frondoso. Os bons estão fadados a ser permanentemente traídos e decepcionados. O melhor que podemos esperar é que um equilíbrio entre diferentes senhores, entre males maiores e menores, permita que os humildes desfrutem de uma prosperidade moderada e temporária. **Dê o melhor de si para encontrar o seu caminho até essa clareira na selva.**”

VÍDEO APÊNDICE 12/06/2021

Recomendações simples:

Roger Kimball e seus dois livros publicados recentemente: (1) **Radicais nas Universidades** (a destruição da cultura ocidental nos currículos dos cursos universitários, especialmente nos cursos de Letras). (2) **Experimentos contra a realidade: o destino da cultura na pós-modernidade**.

Obras de Georges Gusdorf (a maioria está esgotada).

Obras de Allan Bloom. Atenção especial para: (1) **O Declínio da Cultura Ocidental** e (2) **Gigantes e Anões**.

Livros de Viktor Frankl.

TAREFAS

Pesquise e escreva um breve resumo de 15-30 linhas sobre:

- 1) Países do Eixo.
- 2) Macartismo.
- 3) Guerra Fria.
- 4) Doutrina Truman.